



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO NÍVEL MÉDIO SOBRE O ENSINO- APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Larisse Carvalho Oliveira; Tiago Alves Nunes; Jorge Luis Queiroz Carvalho.

*Universidade Federal do Ceará – [larisse\\_carvalhodeoliveira@hotmail.com](mailto:larisse_carvalhodeoliveira@hotmail.com)*

*Universidade Federal do Ceará – [tiagopark@gmail.com](mailto:tiagopark@gmail.com)*

*Universidade Federal do Ceará – [jorge\\_carvalho15@hotmail.com](mailto:jorge_carvalho15@hotmail.com)*

**Resumo do artigo:** Neste artigo temos como principal objetivo tratarmos a visão do aluno sobre o ensino de língua estrangeira (LE), em especial de língua inglesa (LI), e fazermos um paralelo com o grau de exposição à LE que aquele tem dentro e/ou fora da sala de aula. Para tanto, aplicamos questionários em uma escola da rede pública do estado do Ceará, contabilizando um total de trinta e oito (38) alunos do terceiro ano do ensino médio. Apoiamo-nos nos trabalhos sobre ensino e aprendizagem de LI de Oliveira (2009, 2014), Guimarães (2005) e também nos PCNs, para tecermos nossas asserções. Após coleta e análise constatamos que a minoria dos professores de LI dos informantes tinha formação adequada e aqueles acham a carga horária escolar – 50 minutos por semana – insuficiente para o aprendizado de um LE. Apuramos, ainda, que os alunos creem que a LI é de suma importância para o mundo do trabalho e que eles acreditam não ser possível apreender a LI na escola pública, apresentando como principal razão o tempo de aulas que têm.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Língua Inglesa; Escola Pública; Ensino Médio.

### Introdução

É do conhecimento de todos que o aprendizado de uma língua estrangeira (LE) requer estímulo, dedicação e tempo. As escolas públicas (EP) brasileiras de ensino médio têm em sua grade curricular o inglês e o espanhol, os quais de acordo com os PCNs<sup>1</sup> funcionam de modo a possibilitar ao estudante a aproximação de várias culturas, integrando-o ao mundo globalizado.

Todavia, o professor de LE, de escolas públicas, é muitas vezes refém do ambiente escolar do qual faz parte, tendo dificuldade de colocar em prática o que lhe é requerido. Dentre os fatores que colaboram para tal problema e um ensino superficial de uma LE estão: números elevados de alunos por sala, carga horária mínima – em algumas escolas cinquenta minutos por semana, apenas – desestímulo dos alunos, entre outros.

---

<sup>1</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Uma narrativa sobre um aluno de EP, que não conseguiu aprender inglês na escola pública, foi ponto de partida para Lima (2011) organizar um exemplar inteiro sobre o porquê do inglês não funcionar em EPs. A obra discute os múltiplos olhares, contemplado por cada colaborador, abordando desde a aquisição de uma LE, à política educacional nacional. Essa obra bem como os trabalhos de Oliveira (2009 e 2014) fazem parte do aparato teórico que utilizamos para compor nossas asserções sobre o ensino de Língua Inglesa (LI) em uma escola de ensino médio da rede pública, localizada no município de Maracanaú, no estado do Ceará.

Nosso principal objetivo é tratar da visão do aluno sobre o ensino de LE, em especial a LI, oferecida pela escola escolhida e fazermos um paralelo com o grau de exposição à LE que aquele tem dentro e/ou fora da sala de aula.

Para tanto, explicaremos na seção ‘Participantes e coleta de dados’ todo o processo metodológico de coleta e análise dos dados referentes aos questionários que foram aplicados em escola, com trinta e oito (38) alunos do terceiro ano. Situiremos a realidade social dos participantes através da descrição da comunidade a qual fazem parte.

Em seguida, mostraremos as análises quantitativas e qualitativas e os resultados obtidos por meio de quadros e tabelas e nossas considerações sobre os mesmos.

A última seção traz a conclusão deste trabalho e uma proposta de melhoria do ensino de LI, na escola em que aplicamos o questionário, que pode ser adaptada à realidade de outras escolas, como forma de apoio/estímulo ao ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

### **O ensino de Língua Inglesa na escola pública**

Sabemos que o avanço tecnológico e a aceleração da economia ‘abriu’ as fronteiras dos países na nossa atualidade. A língua, fator cultural e intrínseco a um povo reflete o momento social vivido pelo mundo. Durante a antiguidade, o Latim era a língua do Império Romano que desbravou grande parte da Europa. Na Idade Média, a Língua Francesa obteve seu auge, sendo utilizada nas cortes e nos documentos oficiais de vários países, inclusive da Inglaterra. As potências econômicas do mundo contemporâneo apontam a Língua Inglesa



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como a língua dos negócios e do turismo, sendo ela usada para negócios, trabalhos, viagens e também para o estudo.

No Brasil, de acordo com Guimarães (2005), o ensino dessa língua começou por volta do início do século XIX. Desde então métodos têm se desenvolvido e instituições de ensino alcançaram grande notoriedade. No entanto a realidade das escolas públicas parece não mudar.

Para Oliveira (2009), o ensino de LE é formado por três pilares. O primeiro que se refere aos parâmetros estabelecidos pelo governo (PCNs). O segundo, que impulsionaria o estudante a inserir-se culturalmente em outra realidade e a se conscientizar do seu papel no mundo. E o terceiro, que colaboraria para o desenvolvimento cognitivo do aluno na formação e estruturação de seu conhecimento.

Aprender um idioma no passado estava relacionado ao saber ler a literatura de determinado país. Em seguida, com o mercantilismo, pelo menos no Brasil foi necessário aprender-se uma língua estrangeira para lidar com negócios nos portos. De acordo com Luciano A. Oliveira (2009, p. 25) "o mercantilismo britânico criou a necessidade de aprender Inglês nas colônias e nações que tinham negócios com a Inglaterra".

Com a Segunda Guerra Mundial, surgiu a criação do "Programa de Formação Especializada do Exército", que em associação com 55 universidades americanas trabalharam para desenvolver uma forma mais rápida de aprender uma língua estrangeira. Este método foi o de áudio-lingual, ainda hoje comumente utilizado por algumas escolas e cursos particulares. Tal método foi o mais usado entre 1950 e 1960.

Depois que algumas mudanças aconteceram no Brasil, por exemplo, em 1915, os professores começaram a trabalhar com outras habilidades, escrita e fala, em vez de leitura. Desde então a LI tem sido ensinada, com pouco sucesso.

Professores queixam-se que a quantidade de tempo que eles têm para ensinar uma língua estrangeira é mínima, basicamente, apenas cinquenta minutos por semana. Com o advento da prova de ingresso às universidades ser o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), o foco do ensino de LE voltou-se, novamente, para a leitura e interpretação textual. Os próprios PCNs instauram que se deve dar ênfase à capacidade de leitura. Além disso, na



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

edição do novo PCN, facilmente acessados no Portal MEC<sup>2</sup>, "O principal objetivo de um professor de língua estrangeira deve ser o de tornar possível a seus estudantes produzir significado, objetivo final de um ato de linguagem".

Assim como Oliveira (2014, p. 92), sabemos que não é possível:

equiparmos a aprendizagem da primeira língua com a aprendizagem de uma língua estrangeira, pois são processos diferentes que acontecem em contexto sociais, psicológicos e biológicos diferentes, nos quais os sujeitos da aprendizagem encontram-se em fases distintas de maturação cognitiva.

Ou seja, mesmo que a importância de uma LE não seja vista com a mesma de uma língua materna, ela requer seu tempo para que possa ser apreendida e maturada.

Como consequência dessas ações, Schmitz (2009, p.18) afirma que "uma língua estrangeira é considerada a 'prima pobre' das outras matérias escolares." Não é dada muita atenção pelos outros professores. Às vezes até mesmo professores de matemática ensinam uma língua estrangeira apenas para cumprir suas horas de lotação.

### **Participantes e coleta de dados**

Quanto ao *locus* de investigação, a escola escolhida está localizada no município de Maracanaú, região metropolitana da capital do estado do Ceará, Fortaleza. Ela é uma escola de bairro, frequentada por alunos que, geralmente, vêm de escolas municipais da região, ou escolas particulares acessíveis a algumas famílias.

A maioria dos estudantes que a frequenta não fez um curso de LI. Coletamos trinta e oito (38) questionários de alunos do terceiro ano de turmas matutinas, com faixa etária entre 16 e 18 anos de idade. Ao todo, apenas cinco deles já frequentaram um curso de LI de no mínimo seis meses. Alguns desses alunos já trabalham em comércios do bairro, ou fazem cursos técnicos no turno da tarde ou noite. O restante colabora em casa na organização das tarefas domésticas.

Dessa forma, primeiramente, elaboramos um questionário com onze perguntas mistas – seis objetivas e cinco subjetivas – das quais escolhemos seis para dissertarmos neste

---

<sup>2</sup> COLOCA O LINK AQUI DO SITE DO MEC



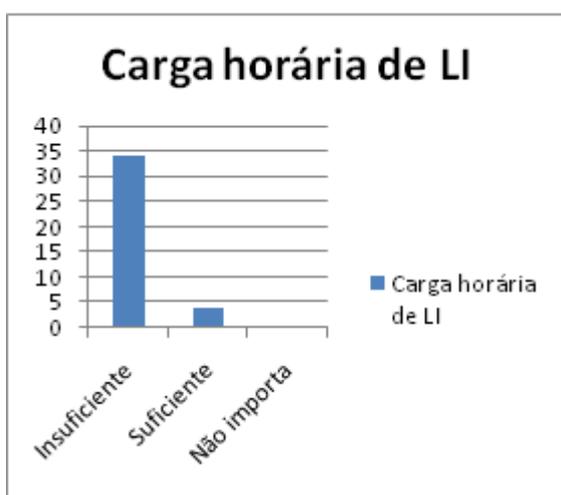
trabalho. Os demais dados serão analisados em outro momento de nosso estudo.

Posteriormente, pedimos permissão ao núcleo gestor da escola e encaminhamos cartas aos pais dos alunos pedindo autorização para aplicarmos o questionário. Os alunos foram informados que não seria necessário nenhuma identificação, sendo-lhes concedido vinte minutos para responder o questionário.

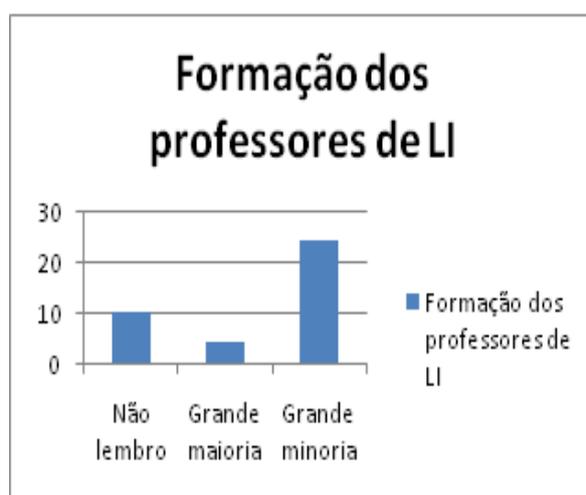
Em seguida, após a aplicação, passamos a contagem e análise dos dados, que serão expostos e discutidos na seção seguinte.

## **Análise dos questionários: resultados e discussões**

Nesta seção apresentamos os dados coletados a fim de compreendermos a postura dos alunos frente ao ensino de LI oferecido pela escola que fazem parte, e também as suas aspirações diante da LI. Em primeiro lugar, observaremos se os professores dos alunos informantes possuíam formação adequada na área e, posteriormente, se tais informantes acreditam ser a carga horária de inglês suficiente para o ensino e aprendizagem da mesma. Atentemos para os gráficos abaixo:



Quadro 1 : Carga horária de LI escolar



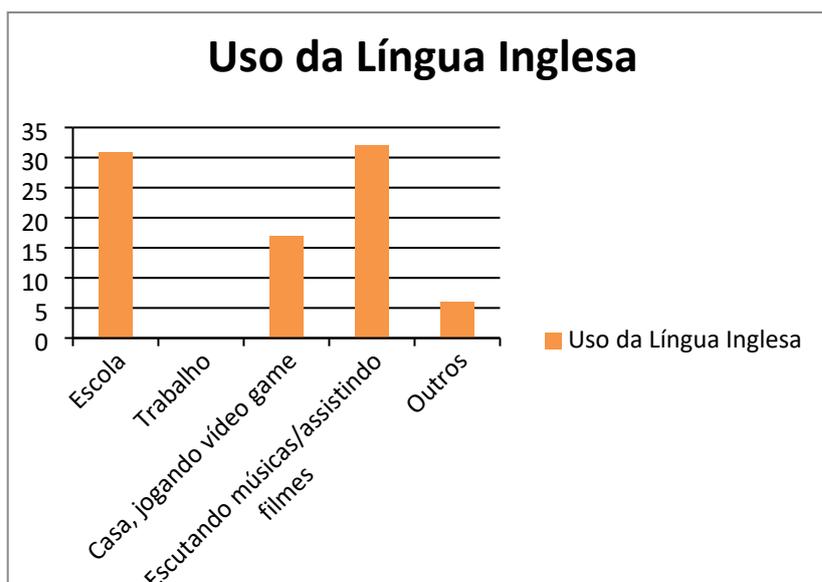
Quadro 2 : Formação dos professores de LI



Em relação à formação específica para o ensino de LI, os estudantes responderam, em sua maioria (63,1%), que a grande maioria dos docentes de LI que já tiveram não tinha formação para ensinar tal disciplina. Já 26,3% atestou que não lembram se os docentes tinham formação ou não. Por fim, apenas 10,6% dos informantes disse que a grande maioria tinha essa formação adequada. Os percentuais manifestam a realidade do sistema de ensino de LI, que, por vezes, é encarada como a disciplina que ‘fecha’ carga horária de professores de outras disciplinas que precisam completar sua lotação.

O quadro seguinte mostra em quais momentos da rotina diária os informantes poderiam fazer uso da LI:

Quadro 3: Uso da LI por parte dos alunos



Nesse momento, os alunos poderiam escolher mais de uma opção. Assim, dos 38 informantes, 31 responderam que só usavam a LI na escola, nenhum a utiliza no trabalho, 17 fazem uso dessa língua quando jogam games eletrônicos em casa. Já a maioria (32) escuta músicas e/ou assiste a filmes em LI, 16 alunos disseram que, às vezes, conversam com seus amigos usando algumas palavras nessa LE.

Os números obtidos reforçam nossa hipótese de que os estudantes não têm estímulo

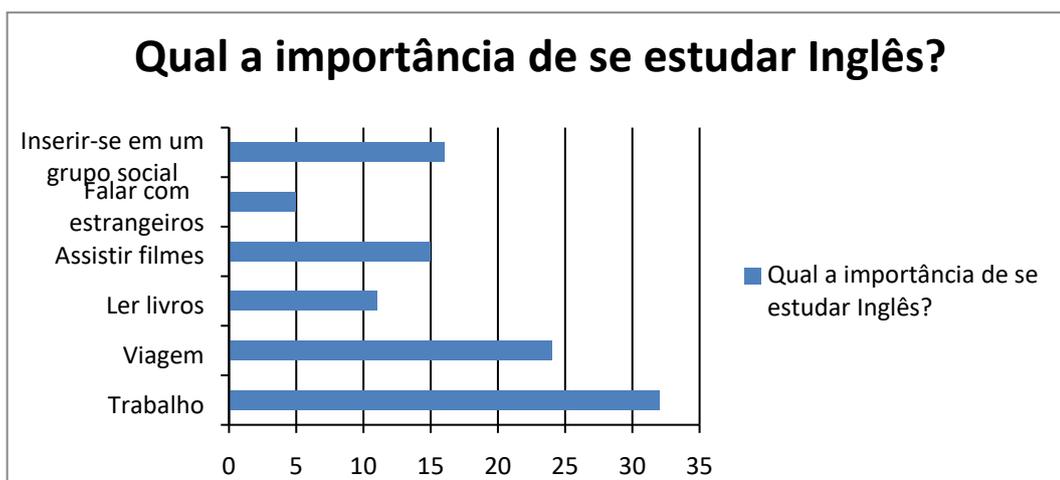


linguístico necessário que os auxiliem a fixar os conteúdos ou a manter contato com a LE, em questão, notamos que ainda existe a indagação geral dos alunos de escola pública nas aulas de LE: “Eu não sei nem português, para quê vou estudar inglês?”. Não queremos dizer que essa seja a razão principal para o desestímulo por parte do alunado. A formação do professor e a sua didática influem bastante em como o aluno percebe e apreende o que lhe é proposto.

Disponibilizamos a seguinte afirmação aos alunos: “Diz-se que na escola pública não se aprende LE”. Em seguida, pedimos que eles escrevessem a sua opinião sobre a questão. O resultado já era esperado, 99% dos alunos afirmou ser impossível devido ao tempo de aula que têm na escola, 50 minutos por semana. Alguns ressaltaram que o ensino ‘tenta’ acontecer, mas é superficial e insuficiente; novamente, como razão, foi citado o tempo. Apenas um aluno afirmou que é possível e que caberia aos alunos estudarem e se esforçarem mais. Concordamos com a maioria, que é necessária uma revisão na grade curricular da escola, e, todavia, também admitimos que a personagem principal do aprendizado é o aluno, e como exposto por um dos informantes, é primordial que o mesmo seja protagonista da aquisição de seu conhecimento.

Exibimos, abaixo, a importância dada ao ensino de LI pelos alunos.

Quadro 4: A importância de se estudar Inglês



A grande maioria dos informantes (32) reconheceu que a LI é importante para o



mundo do trabalho. Em segundo lugar, (24) alunos relataram que o uso dessa língua é necessário em viagens, (11) e (15) optaram pela importância de ler livros e assistir a filmes na língua original, respectivamente. Apenas (6) expuseram ser indispensável para interagir com estrangeiros, mostrando que essa não é uma preocupação vital para o grupo analisado, talvez por não manterem contato com pessoas de outros países. Por fim, (16) afirmaram que a LI é essencial para inserirem-se em um grupo social.

Desta forma, foi possível percebermos que os alunos priorizam o uso da LI no ambiente de trabalho, o que pode significar que futuramente eles optarão por fazer um curso ou algo semelhante, uma vez que muitos não dominam as quatro habilidades da LI.

### **Considerações finais**

No decorrer deste trabalho, expomos que o ensino de LI no Brasil ainda apresenta dificuldades na sua prática e, juntamente com Oliveira (2009), acreditamos que a aprendizagem de uma LE é vital para a formação cultural dos alunos e também para a sua visão como cidadãos de uma sociedade globalizada.

Nossa hipótese de que a carga horária escolar insuficiente incomodaria aos alunos, mostrou-se verdadeira, evidenciando que os mesmos preocupam-se com a forma de aprendizado que lhes é proposta.

Constatamos, ainda, que o nível de estímulo na rotina dos discentes é pequeno e que eles necessitam de um maior aparato linguístico e extra-linguístico que os possibilite internalizar vocabulário básico da LE, a inglesa.

Assim, propomos ao núcleo gestor da escola um projeto que visaria 'rodear' os alunos no ambiente escolar com *input* visual, auditivo e sinestésico para os estudantes em LI, como a elaboração de placas/cartazes para todo o ambiente físico escolar em inglês e a utilização da rádio da escola como fonte de disseminação de notícias, indicações de livros e músicas concernentes aos países falantes de LI. Esperamos que as ações sejam postas em prática e que



os alunos possam se beneficiar de alguma forma.

### Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 1999. V. 2 p. 49-63.

GUIMARÃES, N. A. D. *O Ensino de Inglês como Língua Estrangeira: um estudo de caso sobre a competência desenvolvida nos alunos do ensino médio*. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2005.

LIMA, Diógenes Cândido (Org). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

OLIVEIRA, L. A. “Ensino de Língua Estrangeira para Jovens e Adultos na Escola Pública”. In: LIMA, Diógenes Cândido (Org). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.